



MULHERES MOÇAMBICANAS FRENTE À POLIGAMIA: *NIKETCHE* DE PAULINA CHIZIANE



MOZAMBICAN WOMEN FACING POLIGAMY: *NIKETCHE* BY PAULINA CHIZIANE

LIZ BASSO ANTUNES DE OLIVEIRA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 02/07/2021 • APROVADO EM 30/07/2021

Abstract

This work aims to understand what are the social representations of polygamy for mozambican women and the symbolic universe presented in their minds, through the analysis of **Nikette: A story of Polygamy** written by Paulina Chiziane, interviews with native women and thesis about the theme. It was used the techniques of literature review, semi-structured interview and field diary. Based on the collection of necessary datas, as the historical context of Mozambique and Mozambican women, from the perspective of Social Representation Theory of Serge Moscovici, the analysis of the literary work was divided into two dimensions: guilt representation and the character-narrator as a space of alterity, in order to understand the anchorage of female subordination in polygamy. Lastly, it was identified the first dimension as a backdrop supportive of the speech about polygamy and the second dimension of a union position between women front to polygamy.

Resumo

Esse estudo visa compreender quais são as representações sociais da poligamia para as mulheres moçambicanas e o universo simbólico apresentado em suas mentes, por meio da análise da obra **Nikette: uma história de poligamia** de Paulina Chiziane, entrevistas com nativas e teses sobre o tema. Para isso, se utilizou as técnicas de pesquisa bibliográfica, entrevista semi-estruturada e diário de campo. A partir do

recolhimento dos dados necessários, como o contexto histórico de Moçambique e das mulheres moçambicanas, segundo a perspectiva da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, a análise da obra literária foi dividida em duas dimensões: representação da culpa e a personagem-narradora como espaço de alteridade, a fim de compreender a ancoragem da subalternidade feminina frente à poligamia. Por fim, identificou-se a primeira dimensão como pano de fundo sustentador do discurso à respeito da poligamia e a segunda dimensão reveladora de um posicionamento de união das mulheres frente à poligamia.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Representações Sociais. Literatura Moçambicana. Paulina Chiziane.

PALAVRAS-CHAVE: Social Representation. Mozambican Literature. Paulina Chiziane.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou se aproximar da realidade das mulheres moçambicanas, objetivando uma pesquisa com foco nas representações sociais frente à poligamia e o universo simbólico que compõe a ancoragem da subalternidade feminina em Moçambique.

Para isso, utilizou-se principalmente o livro **Niketche¹ – uma história de poligamia** de Paulina Chiziane, primeira mulher moçambicana a publicar um romance, além de entrevistas com nativas, artigos e teses sobre o tema, assim, realizou-se uma análise com embasamento na Teoria das Representações Sociais, proposta por Serge Moscovici.

Primeiramente, realizou-se um levantamento bibliográfico acerca do tema e em seguida foram feitos os roteiros de entrevista. Durante as entrevistas com a autora do romance e outra nativa moçambicana, realizaram-se apontamentos em um diário de campo. Assim, pôde-se compreender melhor o contexto histórico-social das mulheres em Moçambique.

O primeiro tópico trata da contextualização histórica de Moçambique. Em seguida, aborda a trajetória histórica das mulheres em Moçambique.

O segundo tópico apresenta a Teoria das Representações Sociais, que é uma forma sociológica de Psicologia Social, proposta por Serge Moscovici. Em seguida, apresenta a metodologia utilizada no trabalho, que envolveu levantamento bibliográfico de autores moçambicanos e sobre as mulheres moçambicanas e sua literatura, entrevistas com moçambicanas e o próprio romance **Niketche**.

Aos últimos tópicos ficou reservada a análise das representações sociais das mulheres moçambicanas frente à poligamia.

2. O PASSADO É PRESENTE: BREVE HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE

¹Niketche é uma dança ritualística realizada pela mulher antes do acasalamento.

O romance **Niketche: uma história de poligamia**, da autora moçambicana Paulina Chiziane (2012), retrata o universo feminino moçambicano. No presente tópico irá se abordar o contexto histórico de Moçambique.

“Em Moçambique, o passado é presente.” disse Omar Ribeiro Thomaz no prefácio que escrevera para a tese de José Luis Cabaço (2009, p. 15), **Moçambique – identidade, colonialismo e libertação**. Com isso Thomaz compreendia que o percurso pelo qual o país passou faz parte do cotidiano dos habitantes ainda nos dias atuais. Este percurso, mantido na lembrança principalmente através de histórias contadas pelos antepassados, remete-se a quatro fases: o tempo antes da chegada dos portugueses, o tempo colonial, o período socialista e o tempo atual.

Antes da chegada dos portugueses a Moçambique, a costa marítima do leste africano era, desde o século X, formada por “entrepósitos comerciais dominados por mercadores árabes de Omã e indianos islamizados do Guzerate que, em troca de ouro e do ferro, levavam algodão, porcelanas, seda, miçangas, perfumes e drogas medicinais” (HERNANDES, 2008, p. 582).

No início de 1498, chegaram as primeiras embarcações cristãs portuguesas na costa sul de Moçambique. Aquele era um momento histórico, mesmo que os moçambicanos nem desconfiassem do que viria pela frente. O interesse comercial na rota do Oriente estava presente. Os europeus buscavam conquistar espaço por interesse nos produtos locais, que lhes proporcionava o acúmulo de capital, e só então tornaram o tráfico humano a atividade dominante (CABAÇO, 2009).

Após a fase escravista e mercantil, enraizou-se na estrutura social e nas relações de poder o dualismo do dominador e do dominado, ideologicamente construído nas representações que cada um tem de si próprio e do outro. Em sua tese, Cabaço (2009, p. 35) cita algumas dessas dualidades:

A sociedade colonial na África concebe-se e estrutura-se em consequência de uma multiplicidade de dualismos: frente a frente, bem demarcados, estarão não apenas “branco e preto”, “indígena e colonizador”, mas também “civilizado e primitivo”, “tradicional e moderno”, “cultura e usos e costumes”, “oralidade e escrita”, “sociedade com história e sociedade sem história”, “superstição e religião”, “regime jurídico europeu e direito consuetudinário”, “código do trabalho indígena e lei do trabalho”, “economia de mercado e economia de subsistência” etc., todos eles conceitos marcados pela hierarquização, em que uns se apresentam como a negação dos outros e, em muitos casos, como a sua razão de ser.

A influência da cultura do colonizador é imposta inclusive através da religião. Em 1455, Nicolau V, o Padroado Régio, concedia ao rei de Portugal o direito de “expandir a fé”, instalando igrejas nos territórios conquistados. No século XVI, chegaram os primeiros missionários a Moçambique, com intenção de batizar os escravizados antes do embarque que os destinava o tráfico humano, e a evangelizar soberanos locais. Esta missão continuou com o passar dos séculos, canalizando sua

força na conquista de crentes, o qual modificou gravemente a cultura dos nativos moçambicanos chegando a interferir nas leis do país, enquanto Portugal continuava colonizador:

Em 1940, depois de 12 anos de negociações diplomáticas, Salazar conseguia que fosse assinado, nos termos por ele definidos, a Concordata com a Santa Sé. Portugal reassumia plenamente, na ótica do regime, seu Destino. O documento consagrava a personalidade jurídica da Igreja Católica, seus direitos patrimoniais, as garantias do clero, a nomeação de bispos, sua actividade no ensino, os efeitos civis do casamento canônico e o reconhecimento de sua indissolubilidade e, naturalmente, o padroado. O texto preservava, porém, o princípio constitucional da separação formal entre Estado e Igreja. (CABAÇO, 2009, p. 209).

Na década de 50, surge o movimento nacionalista e a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) é criada em 1962, sob a liderança de Eduardo Mondlane.

No início da luta de libertação de Moçambique, a FRELIMO recebeu apoio das hierarquias islâmicas. A luta ocorreu devido ao desenvolvimento do nacionalismo Árabe, que progrediu até a África Oriental. Os ideais nacionalistas da FRELIMO previam uma nova identidade cultural:

Criar uma nova atitude de solidariedade entre os homens capaz de desenvolver o trabalho colectivo pressupõe a eliminação do individualismo. Desenvolver uma moral sã e revolucionária que promova a libertação da mulher, a criação de gerações com um sentido de responsabilidade, exige a destruição das idéias e gostos corruptos herdados. Para implantar as bases de uma economia próspera e avançada é necessário que a ciência vença a superstição. Unir os moçambicanos, para além das tradições e línguas diversas, requer que na nossa consciência morra a tribo para que nasça a Nação. Devemos adquirir uma atitude científica, aberta, livre de todos os pesos da superstição e tradições dogmáticas (MACHEL, 1974, apud Cabaço, 2002, p. 300).

Primeiramente, a FRELIMO lutou pacificamente por sua independência. Percebendo que teriam que forçar Portugal a libertá-los, iniciou-se a luta armada em 1964. Após dez anos de combate, encontravam-se em uma situação insustentável e decidiu-se pelo cessar-fogo. Em 1974, houve uma negociação de paz, anteriormente negada por Moçambique, já que não alcançara seus objetivos. Em sete de setembro deste mesmo ano, o Acordo de Lusaka transferia a organização de Moçambique para os próprios moçambicanos, após cinco séculos de colonização, porém a formalização da independência só ocorreria em 1975, sob o governo marxista da FRELIMO, chefiado por Samora Moisés Machel, que foi o primeiro presidente moçambicano.

Logo após a conquista da independência, Moçambique entrara em uma guerra civil, devido à oposição de outro grupo chamado Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), que era formado por anticomunistas apoiados pela África do Sul. A guerra só iria acabar em 1992, com o Acordo Geral de Paz de Roma, que só foi possível porque em 1990, a FRELIMO abandonou a referência ao socialismo, instituindo a economia de mercado, legalizando os partidos e abrindo negociações com a RENAMO, o que possibilitaria as primeiras eleições democráticas, em 1994, com a eleição de Joaquim Alberto Chissano, membro da FRELIMO, como presidente do país (MACARINGUE, 2014, p. 82).

Neste contexto conflituoso viveu Paulina Chiziane, autora da obra **Niketche: uma história de poligamia**.

2.1. BREVE HISTÓRICO DAS MULHERES MOÇAMBICANAS

Em Moçambique, a primeira mulher que publicou um romance foi Paulina Chiziane, recentemente, em 1990. Até essa data, a história das mulheres moçambicanas estava sendo registrada por meio da tradição oral.

A República de Moçambique localiza-se na costa sul-oriental da África e a população calculada em 2005 era de 19,4 milhões de habitantes. Apenas 23% deste número se encontra na zona urbana, sendo a maioria branca, mestiça ou asiática. A maioria da população negra está nas zonas rurais de Moçambique. É um país que reúne diversas etnias, tendo grande influência islâmica e católica (IGLESIAS, 2007, p. 135).

Existiu um jornal moçambicano chamado Brado Africano que teve início em 1919 e durou até 1936, ocasião que foi condenado ao silêncio devido à ditadura de Salazar (HERNANDEZ, 2008).

O Brado Africano denunciava as condições precárias de trabalho dos africanos e as poucas oportunidades de educação para os povos africanos.

Consideravam que a educação de mulheres era imprescindível para chegar a um *levantamento moral da Raça Negra*. Ainda assim, esta educação previa uma formação essencialmente feminina, onde aprendiam a costurar e cozinhar (IGLESIAS, 2007, p. 136).

A educação tradicional moçambicana reforça culturalmente, na mulher, o papel de mãe e esposa. Nesse sentido, cabe à mulher, quase que exclusivamente, casar e ter filhos, já que seus sonhos e desejos circunscrevem-se a tais papéis. A escola ensina e prescreve obediência e submissão, demonstrando “harmoniosa” convivência entre os valores tradicionais moçambicanos e outros provenientes da tradição europeia, validados, sobretudo, pelos princípios cristãos que reforçam a condição de subalternidade e, até mesmo, a maldição feminina. (MENDES, 2009, p. 59).

Neste jornal foram publicados poemas e prosas escritas por mulheres que se destacaram nesta época. Nos textos publicados se encontram denúncias de exploração feminina (IGLESIAS, 2007, p. 136).

Conforme visto no primeiro tópico, as conquistas por espaço foram debatidas pela FRELIMO, que compreendeu necessária maior equidade entre os gêneros para a formação de uma nação. Enquanto Moçambique lutava pela extinção da influência da cultura ocidental, ao mesmo tempo decidia que para a ascensão do país, era necessário que algumas tradições fossem modificadas. Uma das decisões tomadas foi a irregularidade da poligamia dentro da legislação. A poligamia, segundo Paulina Chiziane (2014) em entrevista informal dada para esta pesquisa, é um costume herdado do islamismo e a monogamia que entrara em vigência com a conquista da independência de Moçambique, é um costume herdado do catolicismo. Não foram encontradas informações sobre as práticas sexuais e formas de casamento anterior a chegada dos árabes.

Com a ascensão da FRELIMO, a primeira Conferência da Mulher Moçambicana aconteceu em 4 de março de 1973, que envolveu discurso de Samora Machel, presidente da FRELIMO na época. O título de seu discurso foi: *A Libertação da mulher moçambicana é uma necessidade da revolução, garantia da sua continuidade, condição do seu triunfo*. No mesmo ano, também foi criada a Organização da Mulher Moçambicana (OMM) (IGLESIAS, 2007, p. 138).

A partir da OMM, surgiu em 1991, o Departamento de Estudos da Mulher e do Gênero (DEMG). A DEMG investiga a Mulher e Lei, a Mulher e Força de Trabalho, Mulher e Meio Ambiente, Mulher e Comportamento Reprodutivo (IGLESIAS, 2007, p. 138).

Apesar de teoricamente a situação da mulher frente a legislação ter melhorado, na prática as coisas não acontecem da mesma maneira, como apresenta Olga Iglésias (2007, p. 140) em seu artigo **África, a mulher moçambicana e a NEPAD:**

Do ponto de vista teórico e jurídico, há a Constituição, aprovada em 1990, que representa um grande avanço em relação a de 1975. Na Constituição estão salvaguardados os direitos universais, fundamentais dos indivíduos e dos cidadãos – o direito à vida, à dignidade da vida humana, o respeito pela liberdade, de circulação, de expressão, de ideias, de religião, de associação. Está também consagrada a igualdade dos cidadãos, a igualdade da Mulher e do Homem. Se a teoria está tão bem definida, a prática continua distante.

Compreendendo o contexto histórico e social da mulher moçambicana em conjunto com sua participação na literatura, a seguir será apresentada a perspectiva das Representações Sociais.

3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais (RS) não considera o indivíduo como o único fator a ser analisado nos processos psicossociais, ou seja, crê não ser possível fazer uma análise que leva em conta tanto a Psicologia como a Sociologia sem compreender que o indivíduo faz parte de um coletivo e, portanto, que o coletivo faz parte do indivíduo.

Os homens buscam de diferentes explicações para a realidade que os cerca e é por essa razão que criam as representações sociais. Elas são, portanto, formas compartilhadas de explicar a realidade, os objetos sociais em geral. De acordo com Moscovici (1978), são teorias do senso comum que se elaboram coletivamente nas interações sociais, sujeito-sujeito e sujeito-instituição, num determinado tempo, numa cultura e num espaço específico, na tentativa de tornar o estranho familiar e dar conta da realidade. (ALBUQUERQUE; MACHADO, 2011, p. 60).

As representações sociais consideram toda atividade simbólica produto do Eu plenamente desenvolvido, e apenas quando o Eu se percebe integrado no global, quando consegue ir além de si mesmo para o conjunto da humanidade, é que ele é capaz de se tornar um Eu. Esta atividade simbólica é explicada por Jovchelovitch (2003, p. 74):

O espaço potencial é, portanto, o espaço dos símbolos. Símbolos pressupõem a capacidade de evocar presença apesar da ausência, já que sua característica fundamental é que eles significam uma outra coisa. Nesse sentido, eles criam o objeto representado, construindo uma nova realidade para a realidade que já está lá. Eles provocam uma fusão entre o sujeito e o objeto porque eles são expressão da relação entre sujeito e objeto. Através de símbolos, coisas diferentes podem significar umas às outras e podem mergulhar umas nas outras; eles permitem uma variabilidade infinita, e, ainda assim, são referenciais. Assim, é da essência da atividade simbólica – da atividade do espaço potencial – o reconhecimento de uma realidade compartilhada – a realidade de Outros.

A capacidade de dar às coisas outra forma para serem vistas é o que faz uma representação existir, é a relação entre indivíduo e objeto-mundo que se estabelece de forma psíquica, ou seja, além da carga afetiva, os símbolos são o que tornam essas representações possíveis. Em sua relação com o mundo o sujeito constrói um novo mundo simbólico (JOVCHELOVITCH, 2003, p. 77).

As representações sempre são referência de alguém para alguma coisa, e tais elementos que as compõem são frutos de uma cultura em comum com outros, advindos da linguagem. Os processos engendrados às representações sociais estão

associados à comunicação e às práticas sociais, tais como: rituais, padrões de produção, arte, diálogo e discurso. A realidade social que está representada por outros, através do discurso, desempenha o papel de construir as representações individuais do sujeito. Assim sendo, quando a Teoria das Representações Sociais pretende romper a barreira do trabalho individual, ela compreende que o social deve ser analisado em sua totalidade e não como dinâmica que envolve um agregado de indivíduos. Cada sujeito tem que enfrentar o espaço que o relaciona com os outros, para que exista o domínio da vida em comum.

As Representações Sociais passam, por três fases: a criação da teoria, a representacional, e a ideológica, quando apropriada por um grupo.

Após compreender os conceitos que compõem a Teoria da Representação Social, seguiremos com a metodologia aplicada neste trabalho.

3.1 METODOLOGIA

A proposta das representações sociais na mente das mulheres moçambicanas em relação à poligamia partiu da análise central do romance **Niketche: uma história de poligamia**, aliada a técnica de entrevista com duas mulheres moçambicanas, sendo uma delas a autora, além da contextualização histórica-social do país e das mulheres nativas de lá e o levantamento bibliográfico sobre o tema.

A análise do livro **Niketche** foi feita a partir da extração de fragmentos do texto que fossem ilustrativos das categorias sobre a poligamia tal qual presentes no discurso das mulheres moçambicanas, possibilitando nomear e evidenciar aspectos da relação homem e mulher vivenciados por elas, simbolizando a verossimilhança entre a obra e a vida real da sociedade moçambicana.

A entrevista realizada com as duas mulheres moçambicanas foi semi-estruturada, devido ao ponto de partida ser um roteiro prévio de perguntas, contudo, com a abertura de realizar novas questões no momento da interlocução caso fosse necessário.

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada (MINAYO, 2002, p. 57).

Neste estudo a modalidade articulada – perguntas formuladas e entrevista não-estruturada - de entrevista semi-estruturada foi desenvolvida.

A primeira entrevistada, Paulina Chiziane, autorizou a gravação, porém por ter sido realizado ao ar livre, a qualidade da gravação ficou ruim e o ruído impossibilitou a completa transcrição da entrevista.

A segunda entrevistada, cujo nome fictício é Olívia, não autorizou a gravação. Em função das dificuldades encontradas para transcrição da fala das entrevistadas, optou-se por utilizar registros de fragmentos da fala das entrevistadas em diário de campo.

O diário de campo é um instrumento pessoal e intransferível. “Sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congregam os diferentes momentos da pesquisa” (MINAYO, 2002, p. 63).

A pesquisa bibliográfica direcionou-se aos temas da história de Moçambique, das mulheres moçambicanas, da poligamia e também sobre possíveis dissertações e teses a respeito das obras de Paulina Chiziane. Foram fundamentais a colaboração das teses de Jose Luis Cabaço (2009) a respeito da história de Moçambique e de Marli Maria Mendes (2009) a respeito da possibilidade de conciliação entre os lugares do masculino e do feminino nas narrativas literárias da escritora Paulina Chiziane, especialmente em **Niketche** (2012).

O objeto da RS, neste estudo, é a poligamia, tanto o discurso das entrevistadas quanto a narrativa de Paulina Chiziane revelam uma complexidade sobre o tema que se estende em diversos aspectos interligados. Pode-se fazer uma analogia com o conceito figura e fundo da escola de psicologia Gestaltismo. Segundo Spink (2003, p. 131): “Definir o que é figura e o que fundo² é essencial, mesmo que o fundo esteja presente nas construções em pauta. É neste afã que emergirão as dimensões principais do discurso (...)”.

Diante da complexidade do tema poligamia, se destacou duas dimensões – a representação da culpa na relação homem e mulher; e a personagem-narradora Rami como alteridade – de modo a entender a construção que representantes (autora do livro, o próprio romance, entrevistada moçambicana, teses e artigos sobre história de Moçambique e suas mulheres) fazem do tema poligamia.

A seguir, após um breve resumo da obra, estas duas dimensões serão detalhadas, presentes como fundo no discurso da poligamia.

4. NIKETCHE DE PAULINA CHIZIANE

Niketche: uma história de poligamia (2012) apresenta as mulheres moçambicanas por meio do ponto de vista de uma mulher moçambicana. Paulina Chiziane expõe as angústias vividas pelas mulheres que fazem parte de uma cultura patriarcal.

A narradora-personagem é Rami, esposa de Tony. Enquanto busca por seu marido que está desaparecido no início da obra, acaba descobrindo as outras famílias de Tony. Primeiramente Rami se sente desolada e culpada por seu marido ter sentido necessidade de procurar outra companheira, mas num processo de reflexão e auto-conhecimento, Rami chega à conclusão de que a melhor atitude a ser tomada seria exigir que o pai de seus filhos, homem com quem estava legalmente casada, tratasse a todas as suas famílias de maneira igual, dividindo igualmente o

²Figura fundo é um conceito da Psicologia de Gestalt que significa percepções diferenciadas de uma figura ambígua dependendo de quem os olha (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2003, p. 62).

tempo e o dinheiro. Para isso, a narradora se une as outras mulheres de Tony, propondo uma relação de poligamia.

Na obra são descritos diversos argumentos que embasam o respeito ao costume que prevê a submissão da mulher para com o homem. A maior parte destes argumentos são descritos pelas próprias mulheres que, ao longo da trama, contam suas histórias de angústia em relação aos padrões estabelecidos. Mesmo reafirmando conceitos que representam o papel da mulher moçambicana, enquanto aconselham Rami a seguirem o mesmo caminho que elas escolheram, nas entrelinhas compreende-se que o papel que buscavam exercer era a causa da dependência psicológica e financeira da qual reclamavam. Rami percebe, a partir disso, que havia semelhanças entre essas histórias. Todas aquelas mulheres se culpavam pela falta de amor do marido e buscavam alternativas, tais como: ritos de iniciação, macumbas ou rezas, mas nada mudava a realidade. As mulheres moçambicanas do sul eram vítimas de uma imposição que restringia suas vidas a uma única opção, servir ao homem. Ao contrário disso, o homem, mesmo criado oficialmente em uma cultura monogâmica, trazida pelos colonizadores portugueses, católicos, escondia suas outras relações, tornando comum ao papel do macho a traição. A poligamia em si não é diretamente criticada, nem defendida, é eleita como melhor opção dentre as anteriores, sendo que tornaria as relações mutuamente equitativas para todas as mulheres de Tony e não privilegiando apenas Rami.

4.1 A REPRESENTAÇÃO DA CULPA

A representação da culpa se impõe para mulher como uma ideologia, ou visão de mundo que confere a ela o papel de cuidar da casa, dos filhos e do marido, como se apresenta na fala de Rami “O que é uma mulher, nesta vida, senão simples mortalha para aquecer os pés na noite de frio? Qual o destino da mulher senão parir filhos, dores e temores?” (CHIZIANE, 2012, p. 60)

Quando a mulher rompe com este padrão e a ideologia é ameaçada, o sentimento de culpa lhe é conferido. Nesta ideia, o comportamento submisso da mulher é essencial para, em troca, receber a fidelidade do homem com quem viria a casar-se. Isto está exposto em diversas passagens de **Niketche**, e também no artigo **Eu, mulher... por uma nova visão de mundo** (2013) ambos escritos por Paulina Chiziane.

Neste artigo, Chiziane conta como esta mesma ideia lhe foi exposta. Por meio de histórias contadas pela avó, as personagens femininas eram duais, exerciam bom ou mau comportamento. Àquela que se comportava bem era previsto um casamento feliz, onde o homem a proveria bens materiais e fidelidade. Ao contrário disso, às mulheres de mau comportamento era previsto um fim triste e solitário. Engendrado ao mau comportamento da mulher está o sentimento de culpa, quando a mulher não alcança o padrão previamente estabelecido para cumprir com os requisitos. Então, quando o homem não cumpre com as promessas de prover o lar e ser fiel, a mulher inverte a culpa para si e busca por motivos no seu comportamento, que fez com que o homem descumprisse o que lhe foi prometido. A seguir, revela-se quando Rami compreende isto:

Mulher nenhuma tem lar nessa terra. Mulher é passageira, não merece terra. Mulher é palha de coco atirada na lixeira. Mulher é sua própria inimiga, inventa problemas que lhe dão a morte. Mulher é culpada (...) (CHIZIANE, 2012, p. 100-101)

Rami é julgada por sua própria tia, que lhe confere culpa frente à situação de mau comportamento das quatro outras esposas de Tony:

- Tu, Rami, és a culpada de tudo – diz uma das tias. – Dás mau exemplo às esposas mais novas. És a mãe delas, devias educá-las.
- De que me acusam? Sempre varri o lixo dele e escondi num canto. Guardei no meu cesto todos os seus pecados. Perguntem ao Tony, perguntem-lhe se alguma vez lhe faltei aos cuidados. Cuido bem do corpo dele. Nem os seus pés cheiram a chulé. Quem provas? Cheiram-no! Perguntem a estas quatro esposas se alguma vez viram algum buraco ou rasgão nas cuecas do Tony, perguntem! (CHIZIANE, 2012, p. 156).

Está explícito o sentimento conjunto de mulheres moçambicanas sobre a culpa quando Rami descobre as outras mulheres de Tony e demonstrando sentimento de culpa, buscou em outras mulheres maneiras para reverter a situação na qual acreditava ter se colocado, encontrando nestas mulheres o mesmo sentimento revelado através de conselhos:

A urgência de transformar este amor atrai-me perigosamente para caminhos nunca dantes pisados. Eu, mulher casada há vinte anos, mãe de cinco filhos, experiente, andei de boca em boca, de ouvido em ouvido, auscultando de toda a gente a forma mais certa de segurar marido. A minha mãe faz discursos de lamentos. As minhas tias velhotas repetem ladainhas antigas. Algumas amigas falam-me de feitiços de natureza vegetal. De origem animal. Outras ainda me falam de correntes espirituais, com batuques, velas e rezas. Outras ainda me falam de terapias de amor feitas em igrejas milagrosas. Outras me recomendam consultas em psicólogas formadas em universidades que dão consultas sobre o amor. Outras ainda me falam de truques. Tenho a cabeça cheia de conselhos, revelações e segredos fornecidos por mulheres de todas as idades. A minha vizinha do lado insiste em levar-me para o curandeiro dela, mas eu preferi matricular-me num curso promovido por uma famosíssima conselheira amorosa que mora num lugar escondido no centro da cidade. Hoje vou a minha primeira lição (CHIZIANE, 2012 p. 32).

Observa-se então que o feitiço, os batuques, as velas, as rezas e outros “truques” compõem o universo simbólico feminino, como meio de remissão do sentimento de culpa pelo fato do marido praticar a poligamia.

Assim, o procedimento da culpa internalizado nas mulheres moçambicanas faz com que exista a crença de que se rompido o padrão de boa mulher, será esta considerada uma má mulher e não conseguirá ser feliz.

4.2 RAMI COMO ALTERIDADE

Segundo a autora, Paulina Chiziane, toda sua obra fora baseada em histórias reais, principalmente **Niketche**. Rami está representada em **Niketche** como espaço de alteridade, pois aparenta ser incorporada como mãe do território nacional, enquanto reúne em si a aprendizagem trazida por outras mulheres de diversos locais do território moçambicano, como observa-se a seguir:

- Rami, olha como é bela a tua obra. O que seria de nós sem ti? Tu és a nossa mãe, contigo nascemos outra vez. Compreendeste o nosso sofrimento, a nossa pobreza. Adoptaste-nos como filhas e melhoraste as nossas vidas (...) (CHIZIANE, 2012, p. 290).

O outro, ou seja, a alteridade está incorporada em Rami através de múltiplas culturas que acabam por representá-la como força feminina. Isto fica claro no seguinte diálogo:

- As mulheres, de mãos dadas, podem mudar o mundo, não é, Rami?
- Sim – intervém a Mauá sorridente -, com a força da Rami conseguimos mudar o curso do nosso destino. Obrigada, Rami. (CHIZIANE, 2012, p. 290)

Quando Mauá argumenta ser a força de Rami capaz de mudar o curso de seu destino, engendra à Rami a força de todas as mulheres moçambicanas, necessária para modificar a história. Isto acontece, pois Rami durante seu processo emancipatório, agregou à sua identidade a identidade das inúmeras mulheres de todo território nacional com quem havia trocado informações sobre relações homem e mulher e, enfim ter apresentado às outras quatro esposas de Tony caminhos diferentes para seguirem em suas vidas.

Segundo Mendes (2009, p. 72), “Ao se mostrar corajosamente capaz de construir-se a si mesma na pessoa de todas as outras mulheres e/ou concubinas de seu marido polígamo, exercita alteridade.” Segundo as Representações Sociais, para compreender a relação indivíduo-sociedade, é necessário aproximar-se do domínio das operações simbólicas, presentes em cada indivíduo por meio de uma convivência social, que se dá em espaços de alteridade.

Rami apresenta-se como espaço de alteridade, pois carrega em sua identidade a identidade de mulheres de todos os cantos de Moçambique, como evidencia-se novamente a seguir:

O mundo é o meu espelho, o meu quarto, o meu sonho. O mundo é o meu ventre. O mundo sou eu. O mundo está dentro de mim.
- Há maravilhas nas coisas que construístes, Rami. O Tony, colector de mulheres, e tu, colectora de almas amarguradas, colectora de sentimentos. Congregaste à tua volta mulheres amadas e desprezadas. És brava, Rami. Semeaste amor onde só o ódio reinava. Tu és uma fonte inesgotável de poder. Transformaste o mundo. O nosso mundo. (CHIZIANE, 2012, p. 254-255).

Mendes compreende que quando Rami reúne amorosamente as diferenças que se encontra nas outras mulheres, não as têm mais como ameaça. A ancoragem na mulher má é rompida:

Rami parece incorporar a representação alegórica de Mãe e de Território que aprende a conviver com as múltiplas paisagens culturais modernas sem submetê-las a um absolutismo nacionalista ou preconceituoso. Acolhe, protege e cuida amorosamente da diferença que constitui o outro não mais como ameaça para o eu, mas como um espelho do eu que se (re)constitui agora como uma comunidade agregadora da alteridade. É capaz, portanto, de resguardar suas marcas originais sustentadas não pelo funcionalismo étnico, mas pelo diálogo dinâmico e dialético com a história (MENDES, 2009, p. 69).

Quando Rami sai do papel de esposa traída e acolhe as outras mulheres, passa a representar ou dar voz às mulheres moçambicanas na condição de grupo:

Tendo como base esse papel de *colectora de almas amarguradas*, é a própria Rami quem protagonizará as veias abertas do preconceito, além de evidenciar as cicatrizes sociais, históricas e culturais impressas no corpo feminino (das mulheres e da África considerada mãe), degregado pela própria história e pelas suas tradições que universalizaram-se e, contaminaram, de forma fragmentada e dualista, o cosmos feminino e africano (MENDES, 2009, p. 70).

A partir dessas duas dimensões encontradas como pano de fundo sustentador do discurso da poligamia observa-se a complexidade que esse tema

envolve: aspectos econômicos, sociais, culturais, religiosos que interrelacionados preenchem o universo simbólico presente nas mentes das mulheres moçambicanas.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A primeira dimensão, a culpa, parece exercer papel fundamental e sustentador da poligamia, enquanto que a segunda dimensão, a da alteridade, parece ser um contraponto à prática da poligamia sustentada no patriarcado, revelando a união das mulheres contra o preconceito e o reducionismo do papel da mulher na sociedade.

Por meio da análise da obra literária, das entrevistas realizadas e da revisão teórica, evidenciou-se que essas dimensões atuam como pano de fundo sustentador do discurso da poligamia, de modo intrincado com outros aspectos além do econômico-social, incluindo elementos culturais e religiosos que inter-relacionados preenchem o universo simbólico híbrido presente nas mentes das mulheres moçambicanas.

Referências

ALBUQUERQUE, E.; MACHADO, L. Representações Sociais de inclusão entre professores de escolas públicas. In: MAGALHÃES, R. (Org.) **Educação inclusiva e escolarização: política e formação docente**. Brasília: Liber Livro, 2011.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 13ª Ed. 6ª tiragem. São Paulo: Saraiva, 2003.

CABAÇO, J. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHIZIANE, P. **Niketche: uma história de Poligamia**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHIZIANE, P. **Eu, mulher... por uma nova visão de mundo**. Rio de Janeiro: Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 5, nº 10, 2013.

GUARESCHI, P. "Sem dinheiro não há salvação": ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.) **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

HERNANDEZ, L. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. 4ª Ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.

IGLESIAS, O. **África, a mulher moçambicana e a NEPAD**. Lisboa: Universidade Lusófona, 2007.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.) **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MACARINGUE, I. **Políticas lingüísticas e nacionalização do português em Moçambique**. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2014.

MINAYO, M. et al. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MENDES, M. **Abraço utópico entre logos e Sofia em romances de Paulina Chiziane**. 2009. 180f. Tese (Doutorado em Letras – Licenciaturas de Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SPINK, M. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.) **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

Para citar este artigo

OLIVEIRA, L. B. A. de. Mulheres moçambicanas frente à poligamia: Niketche de Paulina Chiziane. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 6, 2021, p. 79-93.

A autora

LIZ BASSO ANTUNES DE OLIVEIRA é mestre, *Stricto Sensu*, em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Licenciada em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná Campus Foz do Iguaçu/PR.